

A organização do etnoconhecimento: a representação do conhecimento afrodescendente em religião na CDD¹

Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda

*Doutor em Ciência da Informação
Diretor da Escola de Biblioteconomia da UNIRIO
Coordenador do Curso de Especialização em Organização do Conhecimento
para Recuperação da Informação da UNIRIO – Brasil
E-mail: mlmiranda@unirio.br*

RESUMO: Aborda o etnoconhecimento e sua representação em sistemas de organização do conhecimento. Considera o conhecimento como uma construção sócio-cultural em que cada grupo étnico e cultural tem um modo próprio de ver, entender e representar o mundo. Analisa a representação do etnoconhecimento dos afrodescendentes nos sistemas de organização do conhecimento (CDD22) que não trazem em si as possibilidades de representar os conteúdos de um saber de reserva acumulado pela sociedade ao longo de sua história multicultural e plural por serem concebidos a partir do modo eurocêntrico e único de conhecer, capaz de transformar todo conhecimento produzido pelos diferentes grupos em saberes ora desqualificados, ora sujeitados aos cânones da ciência. Conclui que a organização do etnoconhecimento deva ser realizada por meio de sistemas de organização do conhecimento colaborativos construídos por metodologia participativa, promovendo uma nova ética para a representação do conhecimento de grupos em desvantagem.

PALAVRAS-CHAVE: Etnoconhecimento. Sistemas de Organização do Conhecimento. Afrodescendentes. CDD.

ABSTRACT: *This work approaches the ethno-knowledge and its representation in knowledge organization systems. It regards the knowledge on sociocultural construction in each ethnical and cultural group to look, to understand and to represent the world. Analyses the afrodescendents ethno-knowledge representation in the knowledge organization systems (DDC22) than not causes itself the representation possibilities of contents of a to know of accumulated reserves by society through its pluri and multicultural history under the eurocentric and only view to know, able of the to change all knowledge produced by different groups in knows sometimes dis-qualified, sometimes subjected as the science canons. Concludes than the ethno-knowledge organization may be realized through the collaborative*

¹ Trabalho apresentado durante o Trabalho apresentado no VIII ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – Salvador – Bahia – Brasil - 28 a 31 de outubro de 2007

knowledge organization systems buildings by participative methodology, promote a new ethics for knowledge representation in disadvantage groups.

KEYWORDS: *Ethno-knowledge. Knowledge organization systems. Afrodescendants. DDC.*

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de uma discussão inicial no Projeto ProEtno da UNIRIO, quando do tratamento da informação de documentos acerca das culturas indígenas e negras. A questão inicial era como representar o conhecimento registrado de e sobre indígenas e quilombolas, considerando que os instrumentos de representação e organização do conhecimento existentes não davam conta da indexação dos documentos do projeto em si. Posteriormente, visitamos algumas bibliotecas e centros de informação/documentação no estado do Rio de Janeiro e o discurso era o mesmo. A partir dessas constatações, empreendemos este estudo para analisar o etnoconhecimento e sua representação em sistemas de organização do conhecimento.

Denominamos “conhecimentos tradicionais” ou “etnoconhecimentos” aqueles conhecimentos produzidos por povos indígenas, afrodescendentes e comunidades locais de etnias específicas transmitidos de geração em geração, ordinariamente de maneira oral e desenvolvidos à margem do sistema social formal. São conhecimentos dinâmicos que se encontram em constante processo de adaptação, com base numa estrutura sólida de valores, formas de vida e crenças míticas, profundamente enraizados na vida cotidiana dos povos. Podemos, então, considerar etnoconhecimento o conhecimento produzido por diferentes etnias em diferentes locais no globo terrestre a partir do saber popular.

Consideramos conhecimento uma construção sócio-cultural em que cada grupo étnico e cultural tem um modo próprio de ver, entender e representar o mundo. Verificamos que os sistemas de organização do conhecimento não trazem em si as possibilidades de representar os conteúdos de um saber de reserva acumulado pela sociedade ao longo de sua história plural e multicultural. Concebidos a partir do modo eurocêntrico e único de conhecer, esses sistemas acabam por transformar todo conhecimento produzido por esses diferentes grupos em saberes ora desqualificados como aqueles que não se entende ora sujeitados aos cânones da ciência. Historicamente tratadas por estratégias de catequização e/ou integração forçada das raças, que estimulam a anulação das diferenças desintegrando culturas milenares e tradições seculares de saberes organizados e complexos, as comunidades negras e indígenas não se encontram fidedignamente representadas.

Nossas premissas envolvem preocupações com a valorização de culturas locais a partir dos referenciais afrodescendentes, incluindo interesse pela memória local, pelo saber popular, pela promoção da diversidade cultural, pela construção do conhecimento por meio de saberes baseados na experiência e nas práticas sociais. A construção de redes sociais e o intercâmbio de informações com bibliotecas e centros de documentação/informação de regiões distantes mas que mantêm temas em comum também são prioridades.

Nosso foco é nas diversidades (lingüísticas, culturais e geográficas) e nas dificuldades de representar o conhecimento afrodescendente em esquemas de classificação bibliográfica, na organização de bibliografias específicas por assunto, na definição de conceitos e no estabelecimento de suas relações, na organização de documentos e de suas representações em bases de dados e na integração de significados e conteúdos, evitando visões globalizadas, padronizadas e dominantes. Com este estudo identificamos a possibilidade de entrelaçamento dos saberes culturais, sociais e políticos em sua pluralidade aos conhecimentos afrodescendentes representados em esquemas de classificação.

Desta maneira acreditamos ser possível contribuir para a superação de lógicas e estratégias disciplinares que priorizam um saber/poder único e desconsideram as diferenças culturais. Ao mesmo tempo, julgamos ser viável superar preconceitos e discriminações nos sistemas de organização do conhecimento, investindo em ações de intercâmbio cultural entre pesquisadores e grupos em desvantagem social (no caso os afrodescendentes). A possibilidade de novas formas de representar a partir do conhecimento dos saberes milenares das culturas minoritárias resgata a auto-estima dos afrodescendentes, fomenta o debate sobre a temática e estimula a criação de um fórum permanente, congregando diferentes atores do processo de construção de sistemas de organização do conhecimento (afrodescendentes, profissionais da informação e classificacionistas).

Nossas investigações trazem em si o encontro saber-poder-sujeito entre as diferentes culturas em sua transversalidade, o que exige atenção aos discursos das instituições e das pessoas comuns em seu cotidiano no qual saberes e poderes se articulam facilitando a prepotência do conhecimento com o qual

olhamos o “diferente” (não-branco e o não-homem).

Ressalta-se que a transversalidade que aqui se fala toma por ênfase a concepção de conhecimento denominada metaforicamente por Deleuze e Guatari como rizomática, entendida como aquela que se contrapõe à visão essencialista, mecanicista e universalista do conhecimento em forma de árvore, fenômeno capaz de trazer um novo sentido ao trabalho de classificacionistas (MIRANDA, 2005).

No movimento de entender como se constroem os conhecimentos pelos sujeitos de etnias diversas e formadoras do caldo de cultura brasileira, ressaltamos as teses de Vygotsky sobre a construção dos saberes pelas crianças, destacando os limites da utilização desta vertente epistemológica em contraponto às idéias situadas pelos autores da chamada “desconstrução”, bem como o entendimento do que seja o fazer científico, tomando por base pensamentos de Thomas Kuhn, Pierre Bourdieu e Bruno Latour de modo a indicar que a falta de legitimidade social dos saberes populares e provenientes da tradição está presente na academia, reforçando a chamada verdade científica como verdade única, neutra e absoluta.

Nesta pesquisa temos como objetivos analisar a representação do conhecimento afrodescendente nos sistemas de organização do conhecimento; possibilitar novas formas de representar a partir do conhecimento dos saberes milenares das culturas afrodescendentes; estimular a criação de um fórum permanente congregando os atores do processo de construção de sistemas de organização do conhecimento (afrodescendentes, profissionais da informação e classificacionistas) e superar preconceitos e discriminações nos sistemas de organização do conhecimento.

2 ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

A Organização do Conhecimento (OC) é uma disciplina que se dedica à investigação dos fundamentos científicos e ao desenvolvimento de técnicas de planejamento, criação, gestão, uso e avaliação das habilidades e ferramentas empregadas nos sistemas de informação. Esses sistemas armazenam, tratam e recuperam documentos criados e preservados pela humanidade para

testemunhar seus atos e transmitir seus conhecimentos, garantindo sua conversão em informação capaz de gerar novo conhecimento. A Organização do Conhecimento

[...] se ocupa do estudo dos recursos e dos instrumentos utilizados nos diversos centros de informação, [...] para a identificação, extração e descrição da informação registrada nos documentos, a partir da análise do seu conteúdo ou de seu modo de produção, visando classificá-los e ordená-los de modo que permita a recuperação mais eficaz e satisfatória inerente às demandas dos usuários (MIRANDA, 1999).

A fundamentação teórica deste estudo reflete conceitos oriundos da Teoria da Classificação Facetada (RANGANATHAN, 1967), da Teoria do Conceito (DAHLBERG, 2006), dos estudos sobre aspectos éticos da Organização do Conhecimento (Guimarães e Pinho), da tese sobre Garantia e Hospitalidade Culturais BEGHTOL, 2002), da Epistemografia Interativa (GARCÍA GUTIERREZ, 2006) e da Teoria do Rizoma (DELEUZE; GATARRI, 2005).

Considerando o universo do conhecimento e sua dinâmica, a Teoria da Classificação Facetada de Ranganathan (1967) apresenta os elementos de uma estrutura que abrange a unidade classificatória, as categorias, as facetas, as cadeias e os renques. Os princípios da Teoria do Conceito (DALBERG, 2006), por outro lado, nos permitem identificar qualquer objeto no universo empírico (referente), atribuindo-lhe um conjunto de características que visam construir enunciados verdadeiros acerca de tal objeto. Este será posteriormente nomeado, chegando assim à definição de conceitos. Este modelo de formação possibilita também a identificação de semelhanças e diferenças em relação a outros objetos, o que permite estabelecer as relações conceituais existentes.

Os estudos realizados por Guimarães (2005) quanto aos aspectos éticos na Organização do Conhecimento apontam, segundo critérios de Van der Walt (PINHO, 2005), alguns exemplos de questões antiéticas que podem ocorrer no campo da indexação e da classificação, como por exemplo, a tendenciosidade, que costuma estar intrínseca nos sistemas de classificação, nos tesouros e nas listas de cabeçalhos de assuntos, já que esses sistemas são

criados por pessoas com visão cultural, política e religiosa próprias. Um exemplo de tendenciosidade conhecida está na Classificação Decimal de Dewey, mais especificamente, na classe de **Religião – 200**, onde a abrangência da fé e das práticas cristãs é muito maior do que as outras. Para Beghtol (2002), por exemplo, a garantia cultural reside na idéia de que um sistema de organização do conhecimento será o mais apropriado possível e útil para os indivíduos de uma cultura apenas se ele for baseado nas suposições, valores e predisposições dessa mesma cultura. Inversamente, se um sistema não é baseado nessas suposições, ele será apropriado e útil a uma menor extensão de indivíduos na cultura.

Na verdade, sabemos que vários esquemas de classificação não são hospitaleiros o suficiente. Assim, Beghtol apresenta como solução o uso do princípio da hospitalidade cultural, de maneira que as notações utilizadas nos esquemas de classificação para representar e organizar o conhecimento tenham a habilidade de “admitir novos conceitos apropriadamente e acomodá-los nas relações corretas com outros conceitos” (BEGHTOL, 2002). O princípio da hospitalidade cultural, portanto, complementa o princípio da garantia cultural.

García Gutierrez (2006) analisa o conhecimento e sua organização a partir da Epistemografia Interativa. Em contraposição à Epistemologia, tradicionalmente vinculada ao conhecimento ordenado e elitista, ignorando grande parte do saber socialmente produzido, a Epistemografia Interativa considera as questões éticas, culturais e políticas. Dominando, portanto, as condições e as possibilidades de produção, representação e organização dos conhecimentos de minorias, a Epistemografia Interativa serve como base para a organização do etnoconhecimento.

O objetivo da Epistemografia é estar presente nos ambientes de conhecimentos propositalmente excluídos dos processos contemporâneos de inscrição e fluxo, de modo a possibilitar sua incorporação às redes [...] em que transitam os conhecimentos dominantes (GARCÍA GUTIERREZ, 2006. p. 103)

A imagem do rizoma de Deleuze e Guatarri (1995) é uma resposta à metáfora da raiz que vai se bifurcando, que representa a lógica clássica e os procedimentos binários e dicotômicos. O método do tipo rizoma é um campo de

experimentação e de possibilidades, uma vez que não se limita a uma análise por decomposições internas. Este método analisa a linguagem a partir de um descentramento sobre outras dimensões e registros. Desta forma, os princípios extraídos do pensamento rizomático podem ser articulados para a configuração reticular do etnoconhecimento. Alguns desses princípios são: (a) **conexão e heterogeneidade** – qualquer ponto do rizoma pode ser conectado a qualquer outro; (b) **multiplicidade** – não existem pontos ou posições como em uma estrutura em raiz, mas linhas que formam *tramas*. Trata-se de agenciamentos, dimensões que crescem numa multiplicidade que muda de natureza à medida que evoluem suas conexões; (c) **ruptura a-significante** – por mais que se tente romper o rizoma ele se reconstrói segundo certas linhas. Existe uma desterritorialização que pode se reterritorializar, se reencontrar em organizações que se re-estratificam em outro conjunto; (d) **cartografia e decalcomania** – o rizoma é mapa e não decalque: enquanto o decalque ilustra o entendimento de modelos estruturais e gerativos, que supõem estados sucessivos a partir de uma dada estrutura que pode se reproduzir infinitamente, o mapa não reproduz um inconsciente que se fecha em si mesmo; ele o constrói, pois é voltado para a experimentação, conectável em todas as dimensões.

3 SISTEMAS DE ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO (SOC)

Os sistemas bibliográficos de organização do conhecimento surgiram para serem aplicados ao arranjo de livros nas estantes. No princípio não possuíam notações, mas devido ao crescente volume de livros começaram a ser criados com notação.

O mais antigo sistema bibliográfico de organização do conhecimento, sem notação, de que se tem notícia é o de Aldo Manuzzi, elaborado em 1505. O mais recente é o de Quinn e Brown, elaborado em 1894, conforme quadro abaixo (Quadro 1).

Quadro 1: Sistemas Bibliográficos de Organização do Conhecimento, sem Notação.

SOC	ANO	CLASSIFICACIONISTA
Classificação de Aldus	1505	Aldo Manuzzi
Classificação de Gesner	1548	Konrad Gesner
Classificação de Maunsell	1595	Andrew Maunsell
Classificação de Naudé	1627	Gabriel Naudé
Classificação de Garnier	1678	Jean Garnier
Classificação de Leibnitz	1718	Leibnitz
Classificação de Horne	1824	Thomas Hartwell Horne
Classificação do British Museum	1836-38	British Museum
Classificação de Brunet	1842	J. C. Brunet
Classificação de Schleiermacher	1852	Schleiermacher
Classificação de Merlin	1842	R. Merlin
Classificação de Palermo	1854	Francisco Palermo
Classificação do Royal Institute	1857	Royal Institute
Classificação de Trubner	1859	Nicholas Trubner
Classificação de Edward	1859	Edward Edwards
Classificação de Smith	1882	L. P. Smith
Classificação de Ogle	1895	J. J. Ogle
Classificação de Sonnenschein	1897	W. S. Sonnenschein
Classificação de Quinn-Brown	1894	John H. Quinn e James Duff Brown

Fonte: KAULA (1984).

Como se comentou antes, o tempo fez surgir a necessidade de criar sistemas bibliográficos de organização do conhecimento com notação. Durante o século XX determinadas bibliotecas adotaram alguns dos sistemas mencionados no Quadro 2, às vezes introduzindo certas modificações. Mais tarde, outros significativos sistemas bibliográficos de organização do conhecimento com notação foram surgindo, como por exemplo a Colon Classification, de Ranganathan, em 1933; a Bibliographic Classification, de Bliss, em 1935 e a Rider International Classification, de Rider, em 1961 (KAULA, 1984).

Quadro 2: Sistemas Bibliográficos de Organização do Conhecimento com Notação.

SOC	ANO	CLASSIFICACIONISTA
Classificação de Harris	1870	William T. Harris
Classificação de Schwartz	1871-79	Jacob Schwartz
Classificação Decimal de Dewey	1876	Melvil Dewey (1851-1902)
Classificação Expansiva de Cutter	1891-1903	Charles Ammi Cutter
Classificação do Sion College	1886-89	W. H. Milman
Classificação Decimal Expandida de Bruxelas	1905	IIB
Classificação Racional de Perkins	1882	F. B. Perkins
Classificação de Hartwig	1888	Otto Hartwig
Classificação de Fletcher	1889	W. I. Fletcher
Classificação de Bonazzi	1890	G. Bonazzi
Classificação de Rowell	1894	J. C. Rowell
Classificação Ajustável de Brown	1898	James Duff Brown
Classificação Científica	1901	Usada no CILC
Classificação Internacional da Universidade de Princeton	1901	Universidade de Princeton
Classificação da Biblioteca do Congresso	1902	Biblioteca do Congresso – EUA
Classificação Decimal Universal	1905	FID
Classificação de Assunto de Brown	1906	James Duff Brown

Fonte: KAULA (1984).

Em seguida ao desenvolvimento da Teoria de Ranganathan, sistemas bibliográficos especiais foram criados para atender à demanda de áreas específicas. Sete se firmaram e são utilizados até hoje, sendo considerados sistemas bibliográficos universais de organização do conhecimento.

Quadro 3: Sistemas Bibliográficos Universais de Organização do Conhecimento.

SOC	ANO	CLASSIFICACIONISTA
Classificação Decimal de Dewey	1876	Melvil Dewey
Classificação Expansiva de Cutter	1891-1903	Charles Ammi Cutter
Classificação da Biblioteca do Congresso	1902	Biblioteca do Congresso
Classificação Decimal Universal	1905	FID
Classificação de Assunto de Brown	1906	James Duff Brown
Colon Classification	1933	S. R. Ranganathan
Classificação Bibliográfica de Bliss	1935	H. E. Bliss

Fonte: KAULA (1984).

A Classificação Decimal de Dewey – CDD, atualmente na sua vigésima segunda edição, foi criada por Mevil Dewey – com base em Harris, que por sua vez se baseou numa forma invertida de Bacon – em 1873 e trazida a público pela primeira vez em 1876. Esse sistema biblioteconômico de classificação é o mais utilizado em todo o mundo. É adotado em mais de 135 países e foi traduzido para mais de trinta línguas. Nos Estados Unidos, 95% de todas as bibliotecas públicas e escolares, 25% de todas as bibliotecas acadêmicas e 20% das bibliotecas especializadas utilizam a CDD (DEWEY, 2003).

A CDD é desenvolvida, mantida e aplicada pela Divisão de Classificação Decimal da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos (LC), onde anualmente mais de 110 mil números são atribuídos aos textos catalogados pela Biblioteca. Os números da CDD são incorporados em registros bibliográficos de catalogação legíveis por computador (MARC) e distribuídos às bibliotecas por meios informatizados de comunicação, através dos dados de Catalogação-na-Publicação (CIP) e ainda de fichas da LC. Os números da CDD figuram nos registros MARC emitidos por países do mundo inteiro e são utilizados nas bibliografias nacionais da África do Sul, Austrália, Botsuana, Brasil, Canadá, Filipinas, Índia, Indonésia, Islândia, Itália, Namíbia, Noruega, Nova Zelândia, Papua Nova Guiné, Paquistão, Reino Unido, Turquia, Venezuela, Zimbábue e outros países. Diversas empresas e serviços bibliográficos dos Estados Unidos e outros locais colocam os números da CDD à disposição das bibliotecas através do acesso

on-line e mediante publicações e produção de fichas de catalogação (DEWEY, 2003).

Na CDD o conhecimento está organizado em dez classes que se subdividem em mais dez classes, que por sua vez se subdividem em mais dez e assim sucessivamente. As dez classes principais da CDD são:

Quadro 4: Classes principais da CDD22

000	Generalidades
100	Filosofia. Psicologia
200	Religião
300	Ciências sociais
400	Linguagem
500	Ciências naturais e matemática
600	Tecnologia (ciências aplicadas)
700	Arte. Belas-artes e artes decorativas
800	Literatura (belas-lettras) e retórica
900	Geografia, história e disciplinas afins

Fonte: DEWEY Decimal Classification (2003)

4 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

Objetivando superar as lógicas que apontam para a idéia de um saber/poder único, que desconsidera as diferenças culturais, tomamos por propósito identificar os saberes e cotidianos dos grupos étnicos e raciais em questão, reforçando a compreensão de que cada grupo sócio-cultural tem sua forma de representar o mundo. Nosso intento principal foi articular os conhecimentos denominados científicos aos conhecimentos das camadas populares identificados como pertencentes ao senso comum (saberes populares, saberes desqualificados das pessoas comuns), de modo a reconhecê-los como fundamentais à melhoria da representação do conhecimento. Pretendeu-se, em particular, sugerir a importância da diversidade étnica e racial tornar-se uma contribuição efetiva nos sistemas de organização do conhecimento, por meio de visitas dos acadêmicos às instituições que lidam especificamente com as comunidades negras e quilombos, com suas múltiplas necessidades de informação.

Para tanto procurou-se observar, descrever, analisar e sintetizar a forma como os afro- descendentes de diferentes culturas identificam e reconhecem os fenômenos que ocorrem em suas realidades nos seus entrelaçamentos culturais e historicamente construídos e de que maneira, a partir desses conhecimentos, poderemos desenvolver representações dos saberes pré-existentes nas diversas culturas observadas em sua multiplicidade, em sua diferença, em sua especificidade e na natureza de seus mitos. Assim, para alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa adotamos os seguintes procedimentos para coleta de dados:

- análise e estudo dos sistemas de organização do conhecimento alfabéticos, alfabético-sistemáticos e bibliográficos no que se refere às classes e categorias temáticas que de algum modo representam o conhecimento e a cultura afrodescendentes, particularmente aqueles que se relacionam à Religião, para descrever a situação desses sistemas em termos de multiplicidade étnica e diversidade cultural;

- identificação e extração dos segmentos temáticos da 22^a edição da Classificação Decimal de Dewey relacionados ao conhecimento e à cultura afrodescendentes em Religião;

- mapeamento da indexação atribuída a amostras de documentos típicos em unidades de informação que tratem de questões relativas à cultura e ao movimento afrodescendentes;

- reuniões com bibliotecários e outros profissionais de instituições que lidam com as etnias estudadas visando planejar participativamente as ações prioritárias para construção coletiva e consensual dos esquemas de classificação;

- entrevistas com membros e lideranças de comunidades afrodescendentes contemporâneas abordando os mais diferentes aspectos culturais, com foco na religião afrodescendente;

- encontros com lideranças dos grupos remanescentes de Quilombos no Estado do Rio de Janeiro para recolher experiências e práticas culturais comunitárias;

- elaboração de formas experimentais de representação do conhecimento

afrodescendente apropriadas às necessidades políticas dos grupos em questão, para exames comparativos que indiquem a atual forma de inserção dessas categorias nos sistemas de organização do conhecimento, observando a necessidade de superar discriminações e preconceitos por meio da importância dada a estes grupos de representações diferenciadas.

As técnicas de pesquisa documental e de pesquisa-ação que foram estratégica e disciplinadamente aplicadas a este estudo resultaram em rico material empírico cuja característica principal foi a efetiva e direta participação dos atores envolvidos. A força e a densidade das vivências introduzidas por estes atores agregaram aos dados coletados uma perspectiva dinâmica e realista, sem porém fugir ao rigor científico. A tabulação dos diferentes grupos de dados permitiu a triangulação dos olhares, resultando em maior fertilidade e repercussão dos resultados e das conclusões alcançadas. Neste relato damos ênfase aos dados obtidos através da pesquisa documental.

5 ANÁLISE DOS DADOS E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

O procedimento envolveu a indexação de 150 documentos, agrupados em amostras de trinta documentos pertencentes a cada uma das cinco unidades de informação do Rio de Janeiro. Os documentos foram indexados com o uso da CDD e receberam 90 notações, sendo apenas 25 consideradas adequadas. A ocorrência das notações utilizadas na indexação dos documentos demonstrou que, embora 16 delas tenham coincidido, a maioria provocou a dispersão semântica dos documentos, em virtude da inadequação quando da atribuição das notações.

Quanto às categorias temáticas e terminológicas disponíveis na 22^a edição da Classificação Decimal de Dewey para representação do conhecimento relativo às questões da religiosidade, o mapeamento constatou que o saber produzido e apropriado pelas minorias étnicas e culturais de afrodescendentes está sub-representado neste sistema universal, já que os termos utilizados para a

descrição do conteúdo das amostras de documentos e para sua posterior recuperação não obtiveram acolhida no interior da estrutura hierárquica da CDD22, como se ex- põe a seguir, na amostra da Classe 200, Religião, da 22ª edição da CDD:

Quadro 5: Classe 200 Religião na CDD22

200	Religião
210	Filosofia e Teoria da Religião
220	Bíblia
230	Cristianismo Teologia Cristã
240	Moral Cristã e Teologia Devocional
250	Igreja Cristã Local e Ordens Religiosas Cristãs
260	Teologia Social Cristã e Eclesiástica
270	Tratamento Pessoal, Geográfico e Histórico do Cristianis mo. História da Igreja
280	Denominações e Seitas da Igreja Cristã
290	Religião Comparada e Outras Religiões Não-Cristãs

Fonte: DEWEY Decimal Classification (2003)

Percebe-se que as religiões africanas e afrodescendentes não aparecem explicitamente nas classes de 210 a 290, encontrando espaço apenas na classe 290 Religião Comparada e Ou- tras Religiões Não-Cristãs. Esta classe, como evidencia o Quadro 6, está subdividida em:

Quadro 6: Classe 290 Religião Comparada e Outras Religiões Não-Cristãs na CDD22

290	Religião Comparada e Outras Religiões Não-Cristãs
291	Religião Comparada
292	Religião Clássica (Grega e Romana)
293	Religião Germânica
294	Religiões de Origem Índica
295	Zoroastrismo
296	Judaísmo
297	Islamismo, Babismo e Fé Baha'i
298	Vago
299	Outras Religiões

Fonte: DEWEY Decimal Classification (2003)

Como se vê no Quadro 6, porém, ainda aqui não encontramos ressonância para a Fé de origem africana. Na classe 299 Outras Religiões, conforme mostramos abaixo, é que iremos encontrar as religiões originárias da África e praticadas pelos afrodescendentes.

Quadro 7: Classe 299 Outras Religiões na CDD22

299	Outras Religiões
299.1-.4	Religiões de Origens Indo-Européias, Semíticas, Norte-africanas, Norte e Oeste-asiáticas, Dravidianas
299.5	Religiões de Origem Leste e Sudeste-Asiáticas
299.6	Religiões Originárias de Negros Africanos e Afrodescendentes
299.7	Religiões de Nativos da América do Norte
299.8	Religiões de Nativos da América do Sul
299.9	Religiões de Outras Origens

Fonte: DEWEY Decimal Classification (2003)

Somente em 299.6 Religiões Originárias de Negros Africanos e Afrodescendentes localizam-se categorias que descrevem a cultura religiosa dos afrodescendentes (Quadro 8).

Quadro 8: Classe 299.6 Religiões Originárias de Negros Africanos e Afrodescendentes na CDD22

299.6	Religiões originárias de Negros Africanos e Afrodescendentes
299.62	Mitologia e Fundamentos Mitológicos
299.63	Doutrinas
299.64	Práticas, Rituais e Cerimônias
299.67	Cultos Específicos
299.68	Religiões de Grupos Específicos de Pessoas
299.69	Religiões de Áreas Específicas na África

Fonte: DEWEY Decimal Classification (2003)

Por fim, é na classe 299.67 Cultos Específicos que efetiva e especificamente estão caracterizados alguns cultos africanos particulares, como se apresenta no Quadro 9:

Quadro 9: Classe 299.67 Cultos Específicos na CDD22

299.67	Cultos Específicos
299.672	Umbanda
299.673	Candomblé
299.674	Santeria
299.675	Voodooismo
299.676	Movimento Rastafári

Fonte: DEWEY Decimal Classification (2003)

Refletindo os dados empíricos recolhidos por este estudo e a análise comparativa aqui relatada, podemos afirmar que as classes da Classificação Decimal de Dewey não representam o etnoconhecimento. O uso da CDD provoca a dispersão semântica da informação relativa ao etnoconhecimento. No tocante ao conhecimento e à cultura afrodescendente, a organização do conhecimento na CDD é imprecisa, não possibilitando identificar as relações etnoconceituais tal como elas se estabelecem na mente dos sujeitos cognoscentes no momento da recuperação da informação. Isto só será possível com o uso de termos que nomeiem os etnoconceitos.

A partir do uso de um sistema de conceitos que espelhasse melhor a diversidade cultural das religiões em uso no Brasil, especialmente as de origem africana, poderíamos aperfeiçoar a representação do etnoconhecimento em unidades e serviços de informação. Considerando que a estrutura cognitiva dos usuários configura-se como uma rede de conceitos – um rizoma mental – à qual esses sujeitos recorrem quando há necessidade de buscar informações, o desenvolvimento de um sistema de organização do conhecimento colaborativo, que integre, a partir de um modelo participativo, a experiência social e cognitiva de todos os envolvidos, poderia trazer resultados expressivos para a otimização dos serviços prestados em bibliotecas e centros de documentação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo de como os afrodescendentes de várias origens culturais identificam e reconhecem os diferentes fenômenos que ocorrem em suas realidades, em seus múltiplos entrelaçamentos e em sua historicidade, demonstrou a necessidade desenvolver representações precisas para os saberes pré-existentes nas diversas culturas observadas, apreciando sua multiplicidade, sua diferença, sua especificidade e a natureza de seus mitos.

Por outro lado, a observação do grau em que esses conhecimentos estão sub-representados na CDD permitiu entrever o caráter de urgência, mas também a viabilidade, de construir sistemas de organização do conhecimento que assegurem a continuidade dessas tradições e, ao mesmo tempo, o conhecimento pelos profissionais da informação destas vivências riquíssimas e milenares que continuam sendo silenciadas quando não deturpadas nas contingências da colonização e da dominação.

Observou-se entretanto que para isso torna-se indispensável que os profissionais da informação trabalhem em conjunto com as comunidades e as culturas representadas, procurando desmistificar mitos raciais e étnicos e também conhecer mais de perto as experiências riquíssimas e milenares que essas comunidades preservam oralmente.

REFERÊNCIAS

BEGHTOL, C. Universal concepts, cultural warrant, and cultural hospitality. In: LOPEZ- HUERTAS, M. J. (ed.). *Challenges in knowledge representation and organization for the 21st century: integration of knowledge across boundaries*. Würzburg: Ergon-Verlag, 2002. p. 45-49.

DAHLBERG, I. Knowledge Organization: a new science? *Knowledge Organization*, v. 33, n.1, 2006.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. Introdução: Rizoma. In: _____. *Milplatôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. v.1. p.11-37.

DEWEY, M. *Dewey Decimal Classification and relative index*. 21th. ed. Albany, NY: Forest Press, 1996. 4v.

GARCIA GUTIERREZ, A. Cientificamente favelados: uma visão crítica do conhecimento a partir da epistemografia. *Transinformação*, Campinas (SP), v.18, n. 2, p. 103-112, maio/ago. 2006.

GUIMARÃES, J. A. C. Aspectos éticos em organização e representação do conhecimento (O. R.C): uma reflexão preliminar. In: MEMÓRIA, informação e organização do conhecimento: seminário cruzando fronteiras da identidade. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2005.

MIRANDA, M. L. C. de. A Organização do conhecimento e seus paradigmas científicos: uma abordagem epistemológica. *Informare - Cad. Prog. Pós-Grad. Ci. Inf.*, Rio de Janeiro, v. 5, n.2, p.64-77, jul.-dez. 1999.

MIRANDA, M. L. C. de. *Organização e representação do conhecimento: fundamentos teórico-metodológicos na busca e recuperação da informação em ambientes virtuais*. 2005. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

PINHO, F. A. *Aspectos éticos em representação do conhecimento: em busca do diálogo entre Antonia García Gutierrez, Michèle Hudon e Clare Beghtol*. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2006.

RANGANATHAN, S. R. *Prolegomena to library classification*. Bombay: Asia Publ. House, 1967.